

Entre dominação e consciência: Um olhar sobre a literatura em Antonio Candido

Between domination and consciousness: a regard through literature on Antonio Candido's writings

Alice de Oliveira Ewbank¹

Resumo

Neste trabalho procura-se explorar o diálogo crítico de Antonio Candido, através da crítica literária, com o período da ditadura militar no Brasil por meio de um jogo de contrários que caracteriza dois de seus ensaios produzidos neste momento. Assim, lidando com os termos “dominação” e “consciência”, que são tensionados a partir da sua oposição nos ensaios “Literatura e subdesenvolvimento” (1970) e “Literatura de dois gumes” (1966), parece possível perceber um diálogo implícito do texto com o contexto. Os ensaios de crítica literária são então tomados como objetos de análise sociológica, e o que resulta da pesquisa é a percepção sobre um movimento crítico que é próprio do autor – o de trabalhar com a oposição para melhor explicitar o tema – e que não se limita ao viés literário. Em outras palavras, e como já se disse uma vez acerca de outro ensaio seu, tratando de literatura Antonio Candido acaba por dar com a realidade do país.

Palavras chave: Antonio Candido, Literatura e sociedade, Crítica literária, Pensamento social brasileiro.

Abstract

This article aims to explore Antonio Candido's dialogue through literary criticism with the military dictatorship in Brazil (1964-1985) by means of a pair of opposite ideas that guides two of his essays written during this period. So being, through the notions of “domination” and “consciousness” which are tensioned based on the contradiction they produce, it is possible to establish a relation between text and context at his essays “Literatura e subdesenvolvimento” (“Literature and underdevelopment”) (1970) and “Literatura de dois gumes” (“Literature and the rise of brazilian self-identity”) (1966). His writings on literary criticism become the object of sociological analysis from which it is possible to perceive that interest in opposing things represents a critical movement that cannot be reduced to the literary field only. As it has been said once about another of his works, by handling literature Antonio Candido ends up to reflect on brazilian reality.

¹ Doutoranda pelo PPGSA/UFRJ.

Keywords: Antonio Candido, Literature and society, Literary criticism, Brazilian social thinking.

Tomando como objetos de análise dois ensaios de Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento” (Candido, 2011b) e “Literatura de dois gumes” (Candido, 2011a), este trabalho parte de dois conceitos que parecem dialogar por meio da oposição recurso, aliás, frequente na crítica do autor¹. Assim, através do par “consciência” e “dominação”, que regem o encaminhamento destes dois ensaios, procuro perceber como um certo “sentimento dos contrários”, para usar um termo do próprio autor (Candido, 2011a), opera na sua escrita produzindo leituras que não costumam se fechar em compreensões rígidas. Ou seja, focando nos termos, nem a dominação alcança o controle completo sobre aquilo ao qual se impõe, nem a consciência ilumina necessariamente com nitidez a

realidade do que se busca compreender. Quando postas em relação podem provocar esses limites na medida em que tencionam seus significados pelo confronto com o seu contrário. O diálogo entre os termos e entre os textos talvez não rendesse não fosse a interlocução implícita com o contexto de surgimento destes dois ensaios, nos primeiros anos da ditadura militar no Brasil. Portanto, começo fazendo uma volta no tempo.

1. Sobre o contexto

Os anos 1960, período no qual os textos de Antonio Candido passam a incorporar com maior evidência a América Latina, revelam um conjunto de fatos e problemáticas que confirmam a pertinência do olhar crítico do autor. Além da instauração de diversas ditaduras militares pelo continente latino-americano no Brasil e na Bolívia em

¹ Desenvolvo melhor este tema na minha dissertação de mestrado, cujo segundo capítulo é aproveitado em boa parte neste trabalho.

1964, na Argentina em 1966, no Chile e no Uruguai em 1973 (Sader, 2006), o que em si já representava um elemento de aproximação entre esses países, nessa década os países periféricos experimentaram a exaustão o incômodo da consciência do subdesenvolvimento. Em realidade, já vinha da década de 1950 a preocupação com o atraso irremediável da América Latina, que neste momento começara a deixar de ser percebido como algo em suspenso, possivelmente corrigível pela pretensão de superar 50 anos de atraso (e muitos mais) em 5, para lembrar o slogan de Juscelino Kubitschek, e se transformara em problema urgente a ser resolvido. O momento era de repensar a condição de dependência destes países nos planos social, econômico, político e cultural e tentar consertar aquilo que atravancava o desenvolvimento das forças do continente latino-americano. Se orientariam por este objetivo alguns programas surgidos no contexto de explosão do nacional-

desenvolvimentismo, como a Cepal (1948), que teria um papel central na articulação dos intelectuais do continente, o IBESP (Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos surgido em 1952) e o ISEB (Instituto Superior de Estudos Políticos criado em 1954), que concentrariam esforços em uma nova guinada dos estudos sociológicos e econômicos no Brasil. Também conformaria esse quadro a atuação da UNESCO no financiamento de estudos e instituições de pesquisa no Brasil, como foi, por exemplo, a criação da CLAPCS (Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais) em 1957. Além destas agências, surgiria nos Estados Unidos a LASA (Latin American Studies Association), em 1966, que reuniria intelectuais latino-americanos exilados em função do interesse pelo continente, que agora se colocava como uma necessidade, e a FLACSO (Facultad Latinoamericana de Ciencias

Sociales), criada em 1958 no Chile². No conjunto fica claro o interesse em impulsionar o desenvolvimento destes países, como demonstra a criação dessas agências ocupadas com o fomento de estudos e propostas para a superação do nosso subdesenvolvimento.

Também nesta época se percebe o esforço intelectual de construção de uma área de estudos de literatura comparada na América Latina, somando às pesquisas no campo econômico e sociológico o impulso para uma visão integrada do continente através das dificuldades partilhadas³. No Brasil, Antonio Candido teve papel fundamental na articulação da produção de estudos literários desenvolvidos no continente, inclusive fundando em

1962 a primeira cadeira de Literatura Comparada em uma universidade brasileira⁴. Recém ingressado institucionalmente no universo de estudos de literatura, com a outorga do magistério nessa área na também recém criada Faculdade de Filosofia de Assis, Antonio Candido teria um papel fundamental no desenvolvimento da área de Literatura no país e na América Latina.

Pulando uma década, e passando para o ano de 1973, é preciso lembrar o período do “Milagre Econômico” propagandeado pela ditadura militar ao longo dos anos de 1968 a 1973, quando a economia brasileira experimentaria um crescimento vertiginoso, com redução significativa da taxa de inflação, em oposição ao período inflacionário dos anos 1962 a 1967.

² Lucia Lippi Oliveira (2005) desenvolve num artigo justamente o contexto de surgimento dessas instituições no momento de voga do nacional-desenvolvimentismo, chamando a atenção para a produção sociológica em torno das questões então postas, e do diálogo do Brasil com os Estados Unidos e a América Latina.

³ Sobre o surgimento dos estudos de Literatura Comparada na América Latina e no Brasil, ver Nitrini (1997).

⁴ Além do livro de Sandra Nitrini mencionado acima, ver, a propósito da criação da cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, Nitrini (1994), Ramassote (2006). Sobre os estudos comparados realizados no

Ao contrário do que então era difundido na imagem de um Brasil pujante e promissor, que confirmaria o empenho dos intelectuais e burocratas desde a década de 1950 em busca de um certo ideal de modernidade, o debate sobre o subdesenvolvimento ganharia novos contornos. Curiosamente o ano de 1973 reúne alguns dos fios soltos que se busca entrelaçar neste diálogo entre literatura e sociedade.

Neste ano se realizou em Ontário, no Canadá, o sétimo congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada. Dele participaram Antonio Candido e Ángel Rama, renomado crítico uruguaio, o primeiro com a apresentação do texto “Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens” (Candido, 1978), e o segundo com o texto “Un proceso autonómico: de las literaturas nacionales a la literatura latinoamericana” (Rama, 2008). Neste

Brasil antes da institucionalização da área, ver Candido (2004).

artigo, entre outras questões, aparece a falta de empenho dos intelectuais brasileiros na construção de uma área comum de estudos literários na América Latina. É de se notar que, no mesmo ano, Ángel Rama dera um curso na Universidade de São Paulo a convite de seu amigo Antonio Candido, e que antes mesmo do texto ser publicado nos anais do congresso, sairia em primeira mão em língua portuguesa na revista *Argumento*, em 1974⁵, que tinha Antonio Candido entre os seus organizadores. A mesma revista havia publicado, em seu número de estreia, o ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”⁶, que embora não convergisse com o interesse

⁵ O artigo de Ángel Rama foi publicado no número 3 da revista. Cf. Nitrini, 1997.

⁶ “Literatura e subdesenvolvimento” (Candido, 2011b) foi publicado pela primeira vez em tradução francesa na revista *Cahiers d'Histoire Mondiale*, da UNESCO, em 1970, e logo em seguida foi publicado em espanhol no livro coletivo a que se destinava, *América Latina en su literatura*, também editado com a colaboração da UNESCO. Em português sairia pela primeira vez no número 1 da revista *Argumento*, em 1973, até passar a integrar, em 1987, o livro de Antonio Candido, *A educação pela noite* (Idem, 2011e).

desenvolvimentista que marcou majoritariamente a produção intelectual nessa época, não deixava de dialogar com a temática. Para puxar mais um fio deste ano de 1973 dando caldo para a correlação entre literatura e sociedade, também no primeiro número da *Argumento* foram publicados os artigos de Celso Furtado, “O mito do desenvolvimento e o futuro do terceiro mundo”, de Paulo Emílio Salles Gomes, “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, de Fernando Henrique Cardoso, “Chile: um caminho possível?”, e de Jean-Claude Bernardet, que, tratando de cinema como Paulo Emílio, tinha o título expressivo de “Uma crise de importância?”⁷. Cada texto, a seu modo, expressava o quadro mais cru do subdesenvolvimento do país. Seja tratando da taxa de analfabetismo, seja pela constatação de um consumo aflitivo da cultura de massas norte-americana, ou ainda pela denúncia

⁷ Os artigos referidos constam na bibliografia respectivamente como: Furtado, 1973;

do caráter predatório da economia capitalista na desigualdade entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, o que estava em jogo era perceber sem ingenuidade a condição do nosso atraso.

Antes de tratar mais especificamente sobre o ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, cabe adentrar o percurso do outro ensaio de Antonio Candido que enfoca neste artigo. “Literatura de dois gumes”, de 1966, apareceu pela primeira vez na leitura feita por Celso Lafer, em tradução inglesa, na Universidade de Cornell, tendo sido publicado com o título de “Literature and the rise of brasilian self-identity” na *Luso-Brazilian Review*, de Wisconsin, em 1968⁸. Pouco tempo depois foi publicado em português no *Suplemento Literário de Minas*

Gomes, 1973; Cardoso, 1973; Bernardet, 1973.

⁸ Considerando-se o momento em que primeiro surgiu “Literatura de dois gumes”, dois anos antes da sua primeira publicação, ao longo deste capítulo a data utilizada como referência ao contexto do artigo, salvo indicação contrária, será a do seu aparecimento, portanto, o ano de 1966.

Gerais, em 1969, até passar a integrar o livro de 1987, *A educação pela noite*, que reúne ensaios de Antonio Candido (Candido, 2011e). De antemão, nota-se que ambos os ensaios estrearam em publicações estrangeiras, conferindo uma circulação mundial aos textos que é garantida, sobretudo, pela condição transnacional dos dois periódicos e do livro, mas também pela própria temática que trabalham. O periódico norte-americano traz no nome a relação fundamental de vínculo entre o Brasil e Portugal, a colônia e a metrópole; o livro publicado no México com auxílio da UNESCO, pelo o que o título mesmo indica, aborda o contexto continental no qual o Brasil se insere ao mesmo tempo em que se diferencia; e a revista da UNESCO integra o Brasil e a América Latina objetos do artigo de Antonio Candido em âmbito mundial. De alguma forma os receptáculos dos artigos também dinamizam a chave comparativa com a qual Antonio Candido lida.

Outro aspecto digno de nota diz respeito à publicação em português dos dois artigos, já que ambos saíram em português pela primeira vez também em periódicos “Literatura de dois gumes” saiu no Suplemento Literário de Minas Gerais com o nome de “Literatura e consciência nacional”⁹. Embora o Suplemento fosse subvencionado pelo governo do estado de Minas Gerais, o que neste período de cerco político indicava muitas restrições, mantinha um posicionamento contrário ao regime militar¹⁰. Entre tantos autores consagrados e tantos outros estreantes, como foram, naquelas páginas, Libério Neves e Bueno de Rivera, surgiam, nos anos

⁹ Conforme se lê através do site organizado pela Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, que digitalizou todos os artigos publicados no Suplemento Literário de Minas Gerais, que ainda hoje é veiculado. Cf. Novaes & Marques, 2013; Dantas, 2002.

¹⁰ Fundado em 1966, o Suplemento em pouco tempo atingiu um número significativo de publicações, tornando-se uma das revistas literárias de maior circulação na época, dentro e fora de Minas Gerais. Entre os seus colaboradores estavam Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes, a fina flor da literatura brasileira.

sinistros da ditadura militar, poemas e artigos de oposição e crítica, o que levaria, em 1969, à demissão do idealizador e editor do *Suplemento*, Murilo Rubião, seguida por três nomeações efêmeras no mesmo ano¹¹.

Para Antonio Candido e muitos intelectuais da sua geração, a ditadura de Getúlio Vargas durante o Estado Novo teria representado semelhante restrição às liberdades política e de expressão, censura da imprensa, violência e repressão, como as que repunha a ditadura militar de 1964. Como declarou Antonio Candido em um artigo publicado durante a ditadura de 1964, mas que, perspicazmente, fala de um movimento de oposição à ditadura de 1937, lembrar de “certos momentos do passado pode [sic] servir de pretexto ou estímulo para refletir sobre o presente” (Candido, 2007a: 99)¹². Neste artigo, intitulado

“O Congresso dos escritores”, Antonio Candido lembra a importância da reunião dos escritores, divergentes em vários pontos, mas reunidos em defesa da garantia das liberdades intelectuais contra a censura do Estado Novo, o que resultou no Congresso dos Escritores, realizado em 1945, em São Paulo. O Congresso, que aconteceu em consequência da repercussão da movimentação política promovida pela recém-criada Associação Brasileira de Escritores (ABDE), tinha o propósito claro de congregar intelectuais como força de oposição à ditadura, e culminou no manifesto político lido pelo escritor gaúcho, Dionélio Machado, no qual se exigia a legalidade democrática como garantia da total liberdade de pensamento. Apesar de, segundo Antonio Candido, o Congresso ter acontecido em um momento em que a ditadura já se desmanchava, e,

¹¹ Sobre o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Cf. Novaes & Marques, 2013.

¹² O artigo “O Congresso dos Escritores” surgiu com o nome de “Os escritores e a

ditadura” na revista *Opinião*, em 1975. Foi posteriormente publicado no que é considerado, provavelmente com razão, o livro mais político de Antonio Candido: *Teresina, etc.* (Candido, 2007b).

portanto, não ter repercutido tão negativamente para os já frágeis órgãos do governo, teria sido importantíssimo pelo que significou. Não apenas pelo que representou para o grupo dos escritores nas discussões acerca das questões relativas à profissão, que teria sido o objetivo inicial do Congresso, mas, sobretudo, pela mobilização política de oposição que promoveu. Mobilização ampla contra as forças reacionárias, contra a restrição das liberdades, contra os governos autoritários e fascistas que vingavam na Europa e tinham o apoio, meio camuflado, do governo brasileiro. A referência, neste artigo, a este momento do passado, não passa despercebida a quem o lê no presente do texto, no ano de 1975. Como queriam os escritores em 1945, e insistiam os intelectuais “trinta anos depois” (Ibidem: 103).

2. Textos da noite

Retomando o enfoque comparativo entre os dois artigos de Antonio Candido, “Literatura de dois gumes” (Candido, 2011a) e “Literatura e subdesenvolvimento” (Candido, 2011b), depois das várias publicações em meios diversos, foram reunidos, em 1987, no livro *A educação pela noite*. Não sendo exatamente panoramas pouco minuciosos os tratados em cada ensaio, como escreve o autor, são textos marcantes e esclarecedores sobre a literatura brasileira a partir do seu ponto de vista. Apesar do interesse que teriam despertado os escritos agora reunidos, quando das suas primeiras publicações, o livro que os colocava lado a lado não teria tido grande repercussão:

Não sei explicar a diferença de recepção: talvez os estudos já tivessem cumprido o seu papel de impacto e intervenção provocativa no momento cultural. Entretanto, reunidos em livro, compõem um conjunto impressionante pela variedade e complexidade das questões abordadas. Por contraste com o título e de acordo com ele são ensaios iluminadores, que projetam uma compreensão nova sobre assuntos tão diversos como ficção e autobiografia, literatura e subdesenvolvimento, origens da teoria do romance ou nova

narrativa brasileira. (Lafetá, 1992: 205-206)

Neste último aspecto ressaltado acerca do título do livro, algumas das observações que faz João Lafetá com relação aos dois ensaios e ao volume que os reúne são de particular interesse. Por isso as aproveito aqui, com o perdão da sequência de citações. O título do livro é devido a João Cabral de Melo Neto, o poeta pernambucano, cuja obra *A educação pela pedra* exprimiria

conotações de peso, dureza e solidez que decorrem da metáfora da ‘pedra’, [...] [enquanto] Antonio Candido escolhe a imagem romântica da ‘noite’, com as conotações opostas de imponderável, de fluido e de dissoluto. [...] no seu sentido mais comum, ilustrado e iluminista, a *educação* é o espancamento das trevas, o afastamento da noite.” (Lafetá, 1992: 210, grifo meu)

O fecundo na apreciação que faz Lafetá sobre a obra de Antonio Candido está na combinação contraditória entre a “noite”, que é escuridão e, portanto, falta de visão e vazio de saber, e a “educação”, que é movimento de esclarecimento, de abertura do olhar e expansão do conhecimento. Trazendo a “educação

pela noite” para o contexto de surgimento dos dois artigos, a metáfora se torna cortante. Indo contra a escuridão da ditadura, “Literatura de dois gumes” e “Literatura e subdesenvolvimento” provocavam a reação contrária à tencionada pela disciplina de controle, ambos se voltando, em seus temas e proposições, para o amanhecer da consciência através de uma prosa profundamente crítica. Além da vocação esclarecedora num período obscuro, conformam um par que acentua ainda mais a tensão explicitada por Lafetá, e cujas ideias ainda hoje são ágeis em interpelar aqueles que se aventuram a pensar o Brasil. Um par de contrários poder-se-ia dizer, ainda que não menos ligados pelas suas diferenças. Enquanto “Literatura de dois gumes” versa sobre a literatura como instrumento de dominação, de imposição de ideias estrangeiras, “Literatura e subdesenvolvimento” trata da aquisição de consciência nacional com relação à condição

dependente e marginal do Brasil. Em duas palavras, literatura como *dominação* e literatura como *consciência*. Nada mais próximo de uma “educação pela noite”.

Relembrando então o “sentimento dos contrários” sobre o qual se falou no início deste texto, pode-se dizer que o ensaio “Literatura de dois gumes” forma ao lado de “Literatura e subdesenvolvimento” um par (de contrários) que dá continuidade a certas questões centrais contidas na *Formação da literatura brasileira* (Candido, 2012). Cada qual a seu tempo, aprofundam problemas presentes na célebre história da literatura, mas, partindo de elementos anteriormente trabalhados, avançam para além dos limites estabelecidos. Em ambos, Antonio Candido trabalha com a questão do duplo referente da cultura brasileira e latino-americana, cuja origem europeia das suas manifestações mais determinantes acarretaria uma série de

consequências que ao mesmo tempo reforçam e dificultam as tentativas de compreensão do nacional. Observados em relação à *Formação*, operam dois movimentos significativos. O primeiro, é que dilatam a tese numa comparação com a América Latina, aliás, com toda a América, ainda que por vezes ela apareça de forma difusa. E o segundo movimento diz respeito aos períodos abordados, que dando continuidade à temática da *Formação*, estão orientados para direções opostas. No primeiro ensaio, Antonio Candido recua um pouco no tempo e se detém no momento de estabelecimento da empresa portuguesa de colonização, justamente na fase precedente ao surgimento da “literatura comum”, e, portanto, quando teria sido plantada a semente do que viria a ser mais tarde a literatura brasileira. Vai mais fundo no passado da formação da nossa literatura, para mais uma vez demonstrar como a origem estrangeira das literaturas latino-americanas pôde, ao contrário do

que previra a empresa, resultar em processos originais. Em “Literatura e subdesenvolvimento” a direção, como se disse, é contrária, e o que se lê é um avanço no tempo da questão comparativa que move a sua concepção de literatura brasileira (e latino-americana). Neste ensaio Antonio Candido retoma em outro plano o problema da “dupla fidelidade” dos nossos escritores, revendo na consciência nacional as implicações correspondentes ao influxo de cultura europeia e à reelaboração da cultura importada em algo novo, estendendo a temática encerrada na *Formação da literatura brasileira* em finais do século XIX para a literatura sua contemporânea no século XX, chegando a autores do pós II Guerra Mundial. Pensados em conjunto com a *Formação*, porque aprimoram questões previamente esboçadas, estes dois ensaios ampliam o escopo daquela necessidade de se pensar a literatura brasileira e a literatura latino-americana, aliás, americana, sempre

de maneira comparada. Para usar os seus termos, eles são “amostras de crítica esquemática” (Candido, 2011d: 10) que, ao retomar estas questões, explicitam uma preocupação norteadora da sua crítica, prolongando as possibilidades de desdobramento da problemática em diferentes textos e contextos.

Insisto no momento da publicação destes dois ensaios porque me parece que a chave do contexto é indispensável à compreensão das questões que eles trazem. É isto para perceber como, apurando temas presentes na *Formação* e em outros textos seus anteriores, eles orientam as questões para o momento presente, fundindo numa composição elaborada e sutil a qualidade peculiar da literatura e a percepção sobre o andamento da sociedade. Quanto ao que dizem esses ensaios no plano mais detalhado, pode-se dizer de “Literatura de dois gumes” que é provavelmente o artigo que melhor

retoma, nos termos da *Formação da literatura brasileira*, a centralidade da comparação na compreensão do Brasil a partir da sua literatura. Parte do mesmo pressuposto sobre a origem europeia da literatura brasileira, adensando a análise crítica sobre a questão com acentos mais agudos em determinados pontos. Se no livro o propósito é o de escrever uma história da literatura no desejo dos brasileiros em possuírem uma, apresentando os seus autores e atores, e os seus traços, dentro de uma continuidade entre os seus dois períodos formativos, neste artigo Antonio Candido dá maior ênfase ao aspecto político da literatura. Ressalta um traço que pouco aparece na *Formação*, indicando a centralidade da comparação entre o Brasil e a Europa por meio do aspecto impositivo e colonizador que teve a literatura oficial nos primeiros anos da ocupação portuguesa. No livro de 1959, o traço político acompanha todo o encaminhamento narrativo, posto que figura na

dialética central da literatura brasileira: da literatura portuguesa que fora para cá transplantada até a consolidação de uma literatura brasileira, o que guia esta passagem é o desejo ambíguo de possuir uma literatura própria, brasileira, mas que seja tão boa como as europeias; o desejo, no fundo, de possuir uma literatura, e, por conseguinte, uma nação independente da influência metropolitana. O desejo de se livrar da influência colonial se sustentaria até certo ponto, porque seria dela que se nutriria o modelo de literatura que se quer construir. Neste sentido, a dialética do local e do universal dá pouco destaque ao efeito castrador da cultura europeia sobre a pluralidade ainda não unificada do que viria a ser o Brasil, porque interessava analisar o processo de surgimento de uma literatura brasileira, de uma manifestação cultural que contivesse em si uma unidade alheia à sua origem portuguesa. De modo que o caráter pulsante de uma nova literatura

garantida pela continuidade da dinâmica do sistema literário importava mais que os possíveis voos da imaginação reprimidos pela imposição da cultura estrangeira. Era preciso *diferenciar* a literatura brasileira da literatura portuguesa, ainda que a explicitação desta diferença se fundasse na combinação supostamente contraditória do elemento europeu com o brasileiro. No ensaio de 1966, escrito num contexto muito diferente daquele da *Formação*, a preocupação, apesar de partir dos mesmos pressupostos, avança o posicionamento sobre a mesma dialética.

Ao atualizar a função da literatura de acordo com o caráter impositivo que ela pode exercer sobre uma cultura, torna mais nítida a ambiguidade da literatura brasileira e das literaturas latino-americanas no que elas possuem de uma combinação tensa entre o referente europeu e as características nacionais. Em primeiro lugar, o acento na literatura como *dominação* explicita a sua

origem estrangeira através do papel que ela teve como instrumento de imposição da cultura europeia, compelindo a variedade das manifestações culturais indígenas ao desaparecimento ou a uma existência frágil e controlada¹³. Quer dizer, não deixa lugar à dúvida quanto ao berço das literaturas surgidas nas ex-colônias latino-americanas, sublinhando, ainda, a natureza violenta do processo. Em segundo lugar, a contradição apontada pelo autor dentro deste mecanismo de dominação, que faria com que surgisse de dentro dele um espírito reivindicatório de independência que, em consequência, levaria à busca daquilo que seria próprio da terra, condicionaria o estímulo

13 No domínio da literatura, embora, em geral, as culturas nativas latino-americanas não tivessem uma produção que pudesse ser aproveitada em combinações particulares com a cultura trazida com a Conquista, Antonio Candido nota, a propósito da possibilidade não lograda de desenvolvimento de uma literatura original na Bolívia, como o caráter impositivo da colonização impediu que até mesmo estas raras produções sobrevivessem depois do estabelecimento dos europeus na América (Candido, 2011b).

nacional. Apesar do aspecto impositivo da literatura europeia que aqui teria se instaurado, ela não impediria que surgissem manifestações contrárias aos interesses dos colonizadores, fecundando o início de uma literatura nacional e de um país independente da metrópole através do despertar da consciência nacional. Assim, ficaria posta a dualidade que qualificaria os processos formativos das literaturas (e das nações) na América Latina, fundadas sob a sua condição *dupla* de local e universal. Como explica Antônio Candido numa fala sobre temas da *Formação da literatura brasileira*:

Para estudar a literatura na América Latina há dois ângulos que podem gerar dois tipos de teorias e metodologias. Ambos são válidos e não devem ser considerados mutuamente exclusivos; e sim correspondentes a dois ‘momentos’ dialéticos do processo global: a) a literatura como prolongamento das literaturas metropolitanas - e; b) como ruptura em relação a elas. As nossas literaturas são ‘prolongamento’ porque se ligam organicamente às do Ocidente, transplantadas para aqui já constituídas (singularidade que deve ser levada em conta). (...) Ao mesmo tempo, as nossas literaturas são ‘ruptura’, tanto politicamente (como consciência de separação), quanto

esteticamente (como procura de originalidade). (Candido, 2002a: 99)

Literaturas como estas, profundamente ‘comprometidas’ (no sentido amplo de construção de uma cultura), devem ser encaradas no seu movimento dialético, essencialmente integrador, para poder-se avaliar a sua função histórica nas diferentes etapas. (Ibidem: 102)

3. Dominação e consciência

Pensando sobre a *dominação* e a *contradição* que ela gera a contrapelo do seu propósito castrador, ganha outra luz o contexto de surgimento do artigo. Da mesma forma que no texto sobre o Congresso dos escritores (Candido, 2007a), Antonio Candido remete a um passado para interpelar o presente através dele. Pensando sobre o sentido da análise da literatura enquanto *dominação*, sobretudo no *paradoxo* que ela geraria, talvez dialogasse com o caráter construtivo da ditadura militar naquele ano de 1966. A preocupação em caracterizar como essencialmente dominadora a literatura que para cá fora transplantada no século XVI,

revela uma afinidade maior com o momento da publicação do artigo justamente pela correspondência temática. Se o início da empresa portuguesa se caracterizara pela determinação de subjugar os povos e culturas instalados para instituir à força os valores e as tradições que traziam de Portugal e da Espanha, também naquele momento as forças militares se impunham como movimento de dominação sobre a democracia estabelecida.

A cultura, expressa no artigo principalmente a partir da literatura, estaria apontando neste momento para um traço negativo na sociedade, um traço oposto aos valores da democracia, da liberdade e da dignidade humana. Por outro lado, vendo no elemento o seu componente oposto, Antonio Candido faz notar como os interesses cada vez mais contrários dos colonos aos da metrópole estimulariam um mergulho no nacional, que iria promover na literatura uma escrita compensatória na qual a realidade

seria vestida e pintada de grandezas imaginárias. Tudo isto, é claro, redigido nos moldes da literatura europeia que para cá fora transplantada, o que não impediria, como insiste o Autor, que a imposição dos padrões culturais servisse de “fermento crítico capaz de manifestar as desarmonias da colonização” (Candido, 2011a: 207). O contraste, por sua vez, estimularia o interesse pelas coisas do país. O apogeu desta tendência, que teria como marca predominante o Indianismo, levaria ao desejo crescente de diferenciação da metrópole pela busca de um antepassado e de um passado nacional, brasileiro. A aspiração contrastiva, que tem na comparação com a Europa o seu sentido orientador, conjuga na literatura a formação da consciência nacional. Como diz Antonio Candido em outro ensaio de tom político “mesmo dentro dos sistemas fechados e conservadores é possível se desenvolverem tendências contra”

(Candido, 2002c: 377). Quer dizer, aproximando o contexto tratado no ensaio com o do aparecimento do texto, o argumento parecia adequado aos dois: apesar da imposição de interesses opressivos e opressores, o controle sobre a sociedade e as suas manifestações culturais não impediria que nela surgissem movimentos contrários aos interesses dominantes. No caso de “Literatura de dois gumes”, a alegação estaria comprovada historicamente através do paradoxo que teria se dado dentro da literatura colonial. Passando do texto para o contexto, ela poderia servir como uma provocação ao autoritarismo imposto pelo regime militar, como quem dissesse que todo aquele controle não impediria a formação de tendências contrárias à disciplina que se queria assegurar.

Em “Literatura e subdesenvolvimento” o foco recai sobre a *consciência* dos atores acerca do seu país. Haveria dois momentos distintos dessa consciência. Um se exprimiria por uma percepção

idealizada da terra, oriunda da visão idílica que fora difundida sobre a América desde a chegada dos primeiros europeus. Esta visão do paraíso acabaria desenvolvendo uma crença na autonomia e na grandeza da pátria, e durante longo tempo conviveria com o sentimento ambíguo de afirmação da riqueza da terra e o desejo de alcançar o patamar europeu de “civilização”. Existiria, portanto, camuflada no entusiasmo propagado, uma percepção “amena do atraso”, que se faria notar no sentimento de estar aquém do modelo almejado. Com o fim da II Guerra Mundial a consciência sobre o país se tornaria mais realista, e reconhecendo sem idealismos o seu lugar dependente, perceberia a sua condição de país subdesenvolvido. Neste ensaio a comparação entre Brasil e Europa incorpora a América Latina com mais força do que em *Formação da literatura brasileira*, e com maior nitidez do que aparece em “Literatura de dois gumes”,

decalcando na diversidade da literatura e na consciência dos países latino-americanos (entre os quais o Brasil se inclui) uma uniformidade que os reuniria no mesmo lugar de atraso e subdesenvolvimento diante dos europeus. Como se vê, a visada se insere no momento em que o debate sobre o percurso de superação da dependência é tido em solo comum. Antonio Candido então toma a Mário Vieira de Mello os termos da análise que desenvolve sobre o Brasil e a América Latina no terreno da literatura e da cultura em geral, costurando o ensaio em torno destas duas fases da consciência nacional: a de “país novo”, entusiasta e otimista, quando a exaltação das riquezas da terra dava a ilusão acalentadora de um futuro promissor; e a de “país subdesenvolvido”, que supera a anterior visão turva sobre a realidade do país, decalcando em tinta forte o cenário do nosso subdesenvolvimento. O pressuposto da crítica identifica estes dois

momentos como complementares na percepção sobre o país tanto o Brasil como os países latino-americanos, reconhecendo que a euforia primeira e o desencanto posterior revelam o amadurecimento da consciência nacional.

Tendo passado por fases variadas nos processos de formação das suas literaturas, os países latino-americanos evidenciariam no conjunto uma experiência semelhante de afirmação da sua autonomia. Iludidos com o tom celebratório diante da opulência das suas riquezas naturais, consumidas pela Europa até as últimas migalhas, teriam fomentado a aspiração da grandeza de um “país novo”, que ao se moldar tivesse em vista o referente do qual, no entanto, pretendia se separar. A celebração eufórica do “país novo” se fundaria na supervalorização da natureza, que em literatura teria se feito “linguagem de celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do

exotismo em estado de alma”, conduzindo a uma literatura “que compensava o atraso material” no enaltecimento da riqueza natural (Candido, 2011b: 170). Pois se acreditaria que a exuberância da América trazia em si a semente da grandeza futura da nação. O entusiasmo percebido nos nossos escritores atenta para um elemento fundamental, e totalmente contraditório, na formação deste pensamento otimista. Sendo os escritores desta fase membros da elite, partilhavam da ideologia *ilustrada* segundo a qual a educação e o saber trariam a redenção de todos os males do país, possibilitando, assim, o alcance do modelo desejado de civilização. Mas esta educação, como se sabe, ficou restrita às classes dominantes até o início do século XX, de maneira que o ideal de difusão das luzes nunca seria realizado porque as elites não incorporavam a ele o povo. O argumento aparece também afiado em um artigo posterior de Antonio

Candido, simbolicamente nomeado “Perversão da *Aukflarüng*”¹⁴. Nele o autor parte do o analfabetismo estrutural que condena a maior parte dos brasileiros a um acesso restrito à cultura, quando não à sua dissolução numa cultura massificada muitas vezes reprodutora de valores e imagens alheias ao Brasil tema, aliás, caro ao debate dos anos 1960. Analisando o ideal ilustrado das nossas elites, observa como elas teriam realizado uma perversão do padrão que valorizavam.

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem às vezes um sabor quase trágico de perversão dos intuítos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação, de sujeição, não de liberdade. Este fato nem sempre chegou ao nível da consciência clara, tanto nos grupos dominantes quanto nos dominados; tornou-se uma espécie de perplexidade, como se os objetivos ideais fossem ficando sempre para mais adiante. (Candido, 2002d: 321)

Relembrando o argumento de “Literatura de dois gumes”, a

¹⁴ Este artigo apareceu em 1985 no *Jornal do Brasil* com o título “E o povo continua excluído”, depois de ter sido apresentado na forma de uma fala no II Encuentro de Intelectuales por la Soberanía de los Pueblos

literatura, a língua e o conhecimento teriam prevalecido na América como instrumentos de dominação, sendo impostos pelo colonizador com a finalidade expressa do controle social. A voga dos ideais ilustrados não transformaria o quadro, de modo que os valores de uma educação que conduzisse ao progresso teriam sido mantidos sob o interesse das classes dominantes, que, contrariamente àquilo que apregoavam, manteriam o saber e as luzes como forma de dominação. A visão de um “país novo” não contestaria a estrutura desigual da sociedade, e as luzes tão estimadas não desmanchariam a escuridão da noite na qual permaneceria a maior parte do povo. O ponto não deixa de ser atual principalmente no que diz respeito à falta de investimento numa educação de qualidade que atinja de fato todos os setores da sociedade brasileira. Como quem quer fazer ver as verdadeiras intenções por trás de projetos bem intencionados, Antonio

de Nuestra América, ocorrido em Havana no

Candido delata a impostura dos governos militares na suposta ampliação da alfabetização no Brasil, os quais, multiplicando o número de instituições de ensino, não teriam investido na qualidade do mesmo. Contra o risco de ver naqueles anos autoritários o retrato de um “país novo”, sem miséria, sem violência e com ótimos índices econômicos, Antonio Candido denuncia a sobrevivência da dependência mais espúria através da consciência crítica do subdesenvolvimento.

Na estrutura da sociedade, avaliada através da distribuição da riqueza, observa-se a mesma polarização iníqua que ocorre no domínio da cultura intelectual: o máximo de concentração dos bens ou do saber convive funcionalmente com o máximo de miséria e ignorância, como se esta proporção fosse a própria razão de ser da nação brasileira. Não se pode dizer que isto seja fruto de um propósito deliberado; mas é como se houvesse um projeto implícito, decorrente da própria natureza da sociedade vigente. O resultado é que talvez não haja no mundo um afunilamento tão violento, uma coexistência tão chocante dos extremos. (Candido, 2002d: 326)

O convívio em ritmo contínuo desta “dança macabra dos extremos” amplia outra vez a percepção sobre a

mesmo ano (Candido, 2002d).

realidade brasileira para o continente latino-americano. Não que, para o autor, a solução para superar o atraso estivesse no mesmo ideal ilustrado dos intelectuais do século XIX, que viam no saber o remédio para todos os males¹⁵. Pelo contrário, ao concentrar seu argumento na atrofia do sistema educacional latino-americano, em todos os seus suportes de difusão do saber com a exceção de Cuba, que teria esse grande mérito, Antonio Candido atenta para uma das formas do subdesenvolvimento que a América Latina ainda não teria cuidado em transformar.

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, Antonio Candido chama a atenção para o que seriam as “condições materiais de existência da literatura”, lembrando os condicionantes da estrutura do *sistema* literário. Seriam: o

¹⁵ A propósito de um suposto ideal iluminista em Antonio Candido, Paulo Arantes evidencia o equívoco retomando as sugestões provocativas de Alfredo Bosi. Cf. Arantes, 2004.

predomínio de analfabetos; em boa parte dos países latino-americanos, a diversidade de idiomas; o número pequeno de editoras, livrarias, publicações; o público leitor reduzido; e a dificuldade dos escritores em manterem-se unicamente como artistas. Dizendo de outro modo, os elementos que garantiriam a vida do *sistema* literário, com a diferença de que neste contexto eles seriam tão frágeis que antes desestimulariam o desenvolvimento da literatura. O público seria em sua maioria analfabeto, o que eliminaria uma parcela imensa da quantidade de leitores possíveis. Além do mais, os que sabem ler minimamente, seriam atraídos nestes novos tempos pelo rádio e a televisão, sobretudo esta última, que corrói a expectativa do aumento no consumo de literatura erudita, mantendo-os “numa etapa folclórica de comunicação oral”, diluindo-se na cultura de massas mais paralisante (Candido, 2011b: 174). Imperaria uma desigualdade

perpetuada por uma elite que se fecha em si e se ausenta de promover mudanças no sentido da democratização da sociedade, enquanto proliferaria uma cultura massificada, moldada, quando não diretamente produzida, pelos valores dos países desenvolvidos, acabando por inculcar negativamente nos públicos valores estranhos aos dos países subdesenvolvidos.

Apesar do quadro preocupante, Antonio Candido relembra a década de 1930 e o momento do pós-guerra, quando teria ocorrido uma transformação determinante na literatura, acentuando a visão mais realista sobre o nosso atraso. A ficção regionalista brasileira teria expressado esta transformação ao abandonar o tom de curiosidade diante do interior para abordar a realidade do “homem rústico” sem mistificação, respondendo em parte à pergunta posta acerca da real autonomia das literaturas latino-americanas entrevista mais acima. Daí a ênfase de Antonio Candido na

literatura como *consciência*. Daí o estímulo dos escritores em desmascarar a realidade camuflada e tomar como tarefa a abordagem sincera da sua terra, sem encanto pitoresco ou tom patriótico. Seria na literatura que a consciência do subdesenvolvimento primeiro superaria o sentimento ilusório sobre o país, dando meia volta na promessa do “país novo” para penetrar sem rodeios na vida áspera do homem do interior, que na visão de Antonio Candido viveria os efeitos mais duros do atraso. O interesse pelos temas regionais estaria condicionado de certa forma pela categoria de país subdesenvolvido, tanto no Brasil como nos demais países da América Latina, pois seria no interior mais árduo que os homens experimentariam com mais força a violência do atraso. No entender de Antonio Candido, sempre que a miséria assolar a população, privando-a do acesso ao mínimo de recursos para manter uma existência digna na economia, na cultura, no

lazer , persistirão as formas literárias que expressam a discrepância dos extremos. Como diz noutro texto, o regionalismo

existiu, existe e existirá, enquanto houver condições como a do subdesenvolvimento, que forcem o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. (Candido, 2002b: 86-87)

Por meio da experiência do atraso na literatura, que a despeito de poder redundar em atrativo pitoresco para os que veem de fora o interior, ou ser alvo da crítica daqueles que ainda hoje enxergam na consciência do atraso uma desfeita ao país, Antonio Candido integra a América Latina através da consciência da afinidade intelectual entre os países. Em literaturas “tão empenhadas quanto as nossas”, o dedo na ferida do atraso seria sinal de amadurecimento na escrita (2011b: 191). A superação da dependência no plano literário significaria uma interação menos desigual no nível transnacional, a ponto de certos autores e obras periféricas influírem nas literaturas de centro, como seria

o caso de Borges. Atuando como variedade cultural de um mesmo fundo de valores e tradições – uma certa “opção ibérica” –, o aprofundamento da reflexão sobre o desenvolvimento caminharia para a uma integração menos desigual, pois o que “era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca” (Ibidem: 187). Ao final, parece que o tênue otimismo do autor em relação às literaturas latino-americanas se contrapõe ao retrato nada favorável do subdesenvolvimento da América Latina. Talvez porque o andamento do social e do literário, por mais que entrelaçados, obedeça a ritmos diferentes. Ou, talvez, porque a transformação operada em um serviria como estímulo à consciência da necessidade de transformação do outro.

Então, uma coisa se desdobra em outra fazendo ver como os significados não são tão estáveis como se poderia supor. A isto se soma outro componente importante na visão do autor, podendo-se dizer

em parte, que o operar por meio dos contrários se enriquece pela abordagem da literatura como algo além da condição estética. Respeitando a autonomia da obra, não se furta a lidar com o cenário histórico e social no qual ela se insere e do qual, em parte, resulta, tirando proveito da relação entre literatura e sociedade no rendimento das suas considerações. Ficasse o autor somente dentro das margens formais do texto, possivelmente as suas análises não teriam o alcance e a riqueza que as consagra, pois perderia na sua visão parte constitutiva da obra. Por outro lado, se sobrepujasse ao estudo estético as determinações sociais, limitaria o texto ao seu condicionamento externo, fazendo mais sociologia da literatura do que crítica literária. Como se sabe, a crítica literária de Antonio Candido não enveredou por nenhum dos dois caminhos. Uma das suas especificidades, que não deixa de ser uma opção aos modelos restritivos daqueles que veem na

obra somente os seus elementos formais, ou somente aquilo que a confirma como produto ligado ao meio, é exatamente este balanceio entre a crítica e a sociologia, que procura tirar das duas o melhor proveito, e que deriva numa visão mais abrangente da obra. E entre outras marcas desse entrecruzamento da sociologia com a crítica literária, um dos lugares onde ele se faz melhor ver é no privilégio da relação entre literatura e sociedade no seu exercício crítico. O interessante é perceber como na visão do autor o enfoque predominante em determinado elemento não exclui a necessidade de se atentar para os demais, de modo que a crítica mais completa da obra literária ou da literatura deva encará-las no que elas têm de conjunto. Diante de certos elementos díspares, a força integrativa da crítica poderia então exigir aquela metodologia dos contrários, que ao estabelecer como dinâmica rentável o jogo de opostos, desdobrasse a partir dele

considerações fecundas. Seria o caso, outra vez, das adaptações e deformações que teria sofrido a literatura quando incorporada a um contexto estranho, quando não oposto, àquele do qual era oriunda¹⁶.

¹⁶ A respeito dessa questão, o argumento de Antonio Candido também pode ser apreendido em “Os primeiros baudelairianos” (Candido, 2011c).

Referências

- ARANTES, Paulo. “A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização”. In. _____. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, pp. 60-77, 2004.
- BERNARDET, Jean-Claude. “Uma crise de importância?”. *Argumento: revista mensal de cultura*, n.1, pp. 107-110, out. 1973.
- CANDIDO, Antonio. “Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens”. In. *Proceedings of the seventh congress of the Icla*. Stuttgart, Kunst und Wissen - Erich Bieber, edited by Milan Dimić, pp.289-291, 1978.
- _____. “Variações sobre temas da *Formação*” [1967/1980/1985/1987/1997]. In. _____. *Textos de intervenção*, org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002a.
- _____. “A literatura e a formação do homem” [1972]. In. _____. *Textos de intervenção*, org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002b.
- _____. “O tempo do contra” [1978]. In. _____. *Textos de intervenção*, org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002c.
- _____. “Perversão da *Aufklärung*”. [1985]. In. _____. *Textos de intervenção*, org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002d.
- _____. “Literatura comparada” [1988]. In. _____. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____. “O Congresso dos Escritores” [1975]. In. _____. *Teresina, etc.*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007a.
- _____. *Teresina, etc.* [1980]. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007b.
- _____. “Literatura de dois gumes” [1966]. In. _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011a.
- _____. “Literatura e subdesenvolvimento” [1970]. In. _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011b.
- _____. “Os primeiros baudelairianos” [1973]. In. _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011c.
- _____. “Explicação” [1986]. In. _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011d.
- _____. *A educação pela noite* [1987]. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011e.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)* [1959]. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CARDOSO, Fernando Henrique. “Chile: um caminho possível?”. *Argumento: revista mensal de cultura*, n.1, pp. 95-103, out. 1973.
- COTA, Debora. “*Argumento: cultura, crítica e literatura de resistência*”. In. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 4, n. 5, 2001.
- DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

- FURTADO, Celso. “O mito do desenvolvimento e o futuro do terceiro mundo”. *Argumento: revista mensal de cultura*, n.1, pp. 46-53, out. 1973.
- GOMES, Paulo E. S. “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”. *Argumento: revista mensal de cultura*, n.1, pp. 55-67, out. 1973.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: no tempo da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAFETÁ, João Luiz. “A dimensão da noite”. In. D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- NITRINI, Sandra. “Teoria literária e literatura comparada”. *Estudos avançados*, v. 8, n. 22, pp. 473-480, 1994.
- _____. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997.
- NOVAES, Mariana & MARQUES, Fabrício. “A hora e a vez do *Suplemento Literário de Minas Gerais*”. Artigo apresentado no 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina”. *Sociologias*, ano 7, nº 14, p. 110-129, jul-dez 2005.
- RAMA, Ángel. “Um processo autonômico. Das literaturas nacionais à literatura latino-americana” [1973]. In. _____. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- RAMASSOTE, Rodrigo M. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1978)*. Dissertação de mestrado. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2006.
- SADER, Emir (Org.). “Ditaduras militares”. In. *Latinoamericana: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, pp.412-413, 2006.